

AULAS
PÚBLICAS

25-26 JAN 2014
10H30-17H00

AUDITÓRIO 2



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

ORGANIZAÇÃO



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

DESCOBRIR

Programa Gulbenkian
Educação para a Cultura e Ciência

ESCOLAS PARCEIRAS



ESCOLA SECUNDÁRIA
SEOMARA DA COSTA PRIMO

OUTROS PARCEIROS



Centro de Formação de 1909, 20
António Sérgio



CFQE
centro-oeste



oficina



FACULDADE DE
CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



10x10 / 3

SÁBADO, 25 DE JANEIRO

AUDITÓRIO 2

10H30

UIVOS LUSÓFONOS

11H30

MARCHA ORQUESTrada

12H15

DEBATE

MODERADO POR EDUARDO MARÇAL GRILO,
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

14H30

O CORPO DO AGIR

15H30

VIAJAR PELAS ROCHAS ALARGANDO HORIZONTES

16H15

DEBATE

MODERADO POR STELLA BARBIERI,
BIENAL DE ARTES DE SÃO PAULO

10x10 / 4

DOMINGO, 26 DE JANEIRO

AUDITÓRIO 2

10H30

PROJETAR O FUTURO COM RAÍZES NO PASSADO

11H30

MA = DISTÂNCIA ENTRE MATEMÁTICA E ARTE

12H15

DEBATE

MODERADO POR ELISABETE XAVIER GOMES,
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

14H30

É TUDO UMA QUESTÃO DE PERSPETIVA...

15H30

FOTOSSENTE-SE

16H15

DEBATE

MODERADO POR FERNANDO HERNÁNDEZ,
UNIVERSIDADE DE BARCELONA

10x10 é um projeto piloto que promove a colaboração entre artistas e professores de diversas disciplinas do ensino secundário, com o objetivo de desenvolver estratégias de aprendizagem eficazes na captação de atenção, motivação e envolvimento dos alunos em sala de aula. Teve início no ano letivo de 2012/13 e encontra-se agora na segunda edição. Depois de uma residência artística, em julho passado, entre professores e artistas, seguiu-se um período de 3 meses de trabalho nas escolas, que implicou 8 duplas de professores/artistas e a participação dinâmica dos respetivos alunos.

Os processos de trabalho e os seus resultados são agora apresentados na Fundação Gulbenkian, através de aulas públicas de diferentes formatos, com a finalidade de partilhar o que correu bem e o que correu menos bem durante este processo de aprendizagem mútua.

ENQUADRAMENTO

É pertinente partilhar dificuldades e práticas de sucesso no que toca ao envolvimento dos alunos na grande aventura que é aprender.

O que fazer para tornar a matéria curricular relevante para o aluno, relacionando-a com o universo das suas experiências e interrogações? Será que podemos desenvolver novas abordagens ao ensino de disciplinas como o português ou a matemática? Como passar do ensino sequencial e transmissivo para a aventura de ensinar aprendendo e aprender participando? O objetivo do projeto 10x10 é esse: explorar o potencial de uma colaboração estreita entre professores e artistas para dar respostas a estas perguntas.

O MODELO

Três momentos fundamentais caracterizam o desenvolvimento do projeto. O primeiro assume a forma de uma residência artística de 6 dias, onde os artistas e os professores desenvolvem uma relação forte e cúmplice de reflexão, de partilha de saberes e experiências em ambiente informal. O segundo acontece nas escolas durante o primeiro período do ano letivo, e consiste na conceção de um projeto pedagógico singular, por uma dupla de professor/artista, que testa e aplica em sala de aula e no contexto da disciplina, algumas das micropedagogias exploradas durante a residência artística. Os alunos são chamados a participar ativamente durante o processo e a contribuir com as suas dúvidas e sugestões. Finalmente, para concretizar o terceiro momento, artista e professor idealizam uma forma de partilhar esta experiência com a

comunidade educativa – professores, artistas, educadores, investigadores, encarregados de educação – através de uma “aula pública” que se realiza na Fundação Gulbenkian e também na própria Escola.

CARACTERIZAÇÃO E RESULTADOS DA 1ª EDIÇÃO PARCERIAS

O projeto foi integrado no plano de atividades das escolas parceiras através de protocolos estabelecidos com as respetivas direções; o calendário de trabalhos foi estudado de forma a equilibrar a duração do projeto com a disponibilidade do professor. Constituíram-se ainda como parceiros o Centro de Formação de Escolas António Sérgio e o Centro de Formação de Escolas Centro-Oeste das Caldas da Rainha que colaboraram na preparação, divulgação e seleção dos professores que se candidataram e no processo de acreditação do projeto.

PARTICIPANTES

- 10 artistas (5 homens e 5 mulheres) no ativo, de diferentes disciplinas – artes visuais, cinema, teatro, dança e música – com experiência de trabalho pedagógico em contextos formais e não formais;
- 10 professores do ensino secundário (4 homens e 6 mulheres) de diferentes disciplinas – gestão, inglês, biologia, português, filosofia, informática e desenho/geometria;
- 7 escolas/7 turmas num total de 105 alunos (misto equilibrado de homens e mulheres entre os 16 e os 18 anos, várias culturas), abrangendo escolas públicas e privadas na área da grande Lisboa;
- 3 mediadores (1 curadora educativa, 1 filósofa e 1 consultora/avaliadora)

RESULTADOS

Criação de um conjunto de estratégias a que os participantes deram o nome de “micropedagogias” – rituais, exercícios, tarefas, técnicas e ferramentas – que se revelaram eficazes para a criação de um sentido de grupo, para a relação professor/aluno e para despertar o interesse e a curiosidade pelas matérias curriculares.

NA PERSPETIVA DOS ESTUDANTES

- Práticas inovadoras
- Motivação
- Estratégias úteis para compreender a matéria
- Maior compreensão e colaboração entre colegas
- Estímulo à pesquisa individual

NA PERSPETIVA DOS ARTISTAS

- Maior rigor e exigência no trabalho criativo
- Melhor entendimento do contexto escolar e do papel do professor
- Tomada de consciência da relação entre as práticas artísticas e o ensino

NA PERSPETIVA DOS PROFESSORES

- Vontade de arriscar
- Importância de escutar e partilhar perspetivas
- O artista como cúmplice/mentor no apoio à experimentação de novas abordagens para a aprendizagem
- Potencial da articulação entre as práticas artísticas e as matérias curriculares
- Mudança efetiva no comportamento dos alunos, na sua motivação e envolvimento na aprendizagem
- Diálogo rico e construtivo na colaboração entre artista e professor
- Consciencialização da função criativa e de como funciona

Esta informação foi coligida a partir dos relatórios individuais de todos os artistas e professores e do relatório de avaliação externa, que incluiu questionários preenchidos pelos alunos no início e no final do projeto.

CARACTERIZAÇÃO E RESULTADOS DA 2ª EDIÇÃO

O modelo da segunda edição do 10x10 sofreu algumas alterações decorrentes da avaliação dos pontos fortes e pontos fracos da primeira edição, ponderando as sugestões e recomendações dos parceiros e participantes. Assim, na edição em curso, decidiu-se concentrar o projeto em duas escolas, 8 professores e 4 disciplinas do 10º ano do ensino regular. Pretendeu-se com esta decisão reduzir o número de variáveis e constituir um núcleo duro de 4 professores em cada escola como fator de entajuda, de prolongamento dos efeitos de mudança nos professores e de expansão do impacto do projeto em toda a escola.

PARCERIAS

Mantiveram-se as parcerias com as escolas e com os Centros de Formação de Professores. Iniciou-se uma colaboração com A Oficina, Guimarães, tendo em vista a extensão do projeto à região Norte na próxima edição do projeto (2014/15). Esta colaboração materializou-se já durante a segunda edição através da participação da coordenadora do projeto, Sandra Barros, na residência artística de julho passado e nas reuniões plenárias de organização do projeto, bem como através da realização de 4 *workshops* de formação de professores que se realizaram

em Lisboa e em Guimarães sob a orientação de artistas envolvidos no projeto. Outra parceria importante foi estabelecida com a Unidade de Investigação em Educação e Desenvolvimento da Universidade Nova de Lisboa, tendo em vista a formulação de um enquadramento teórico das experiências educativas de relação entre arte e educação realizadas no âmbito deste projeto.

PARTICIPANTES

- 8 artistas (4 homens e 4 mulheres) no ativo, de diferentes disciplinas – artes visuais, cinema, teatro, dança e música – com experiência de trabalho pedagógico em contextos formais e não formais;
- 8 professores do ensino secundário (8 mulheres) de quatro disciplinas – português, matemática, filosofia e biologia;
- 2 escolas/6 turmas num total de cerca de 160 alunos (misto equilibrado de homens e mulheres sensivelmente entre os 15 e os 17 anos, de vários contextos culturais e sociais);
- 3 mediadores (1 curadora educativa, 1 filósofa e 1 consultora/avaliadora)

OS OITO PROFESSORES

- Ana Guimarães e Mariana Cansado, da área de Filosofia, respetivamente da Escola Secundária com 3º ciclo Padre António Vieira e da Escola Secundária com 3º Ciclo Seomara da Costa Primo
- Elisa Moreira e Maria João Avellar, da área de Português, respetivamente da Escola Secundária com 3º Ciclo Seomara da Costa Primo e da Escola Secundária com 3º ciclo Padre António Vieira

- Margarida Soares e Maria João Mineiro, da área de Biologia, respetivamente da Escola Secundária com 3º Ciclo Seomara da Costa Primo e da Escola Secundária com 3º ciclo Padre António Vieira
- Paula Reis e Teresa Alves, da área de Matemática, respetivamente da Escola Secundária com 3º ciclo Padre António Vieira e da Escola Secundária com 3º Ciclo Seomara da Costa Primo.

OS OITO ARTISTAS

- Aldara Bizarro, área da Dança
- António-Pedro, áreas da Música e do Cinema
- Hugo Barata, área das Artes Visuais
- Margarida Mestre, áreas da Voz e Movimento
- Miguel Horta, área das Artes Visuais e contador de histórias
- Nuno Cintrão, área da Música
- Rosinda Costa, área do Teatro
- Sofia Cabrita, área do Teatro

MEDIADORES

- Ana Rita Canavarro, educadora e curadora educativa, coordenadora de projetos educativos do PGECC, FCG
- Dina Mendonça, filósofa e professora universitária
- Judith Silva Pereira, avaliadora e consultora acreditada pelo Conselho Científico da Formação Contínua no Centro de Formação António Sérgio

AS ESCOLAS

- Escola Secundária com 3º Ciclo Padre António Vieira / Agrupamento de Escolas de Alvalade
- Escola Secundária com 3º Ciclo Seomara da Costa Primo / Agrupamento de Escolas Amadora Oeste

VIVOS LUSÓFONOS

CONCEÇÃO ELISA MOREIRA E MIGUEL HORTA

APRESENTAÇÃO ELISA MOREIRA, MIGUEL HORTA

E ALUNOS DO 10º ANO, TURMA 3

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO SEOMARA DA COSTA PRIMO/

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS AMADORA OESTE

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS A TODA A EQUIPA 10 × 10, AOS ALUNOS E

ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DO 10º 3, À DIREÇÃO DA ESCOLA E A

TODOS OS COLEGAS COM QUEM FOMOS PARTILHANDO ESTE CAMINHO.

SINOPSE

Promover a palavra e a poesia junto de uma turma com dificuldades no domínio da língua portuguesa. Estabelecer um percurso em torno dos poetas da lusofonia. Entregar os poemas aos jovens para que eles se apropriem, a seu modo, das obras literárias. Uma encruzilhada criativa dentro da sala de aula, traçando linhas entre os lugares do Português.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A Escola Secundária Seomara da Costa Primo recebe alunos de cerca de 30 países, insere-se numa zona limítrofe da Amadora, oferece um variado leque de oportunidades de formação. A turma 3 do 10º ano possui 26 alunos de oito nacionalidades diferentes, cujo denominador comum é a língua portuguesa. Raramente se concentra numa só turma tamanha diversidade, de tons de pele, de sotaques, de culturas, de distintas formas de usar

as palavras. Alguns jovens apresentam grandes dificuldades no domínio da língua portuguesa.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

Miguel Horta (artista) e Elisa Moreira (professora) entenderam que o trabalho poético em torno da lusofonia seria um bom fio condutor respondendo às características do alunos/turma e, igualmente, às exigências do programa. Na primeira semana de aulas desenvolveram-se algumas dinâmicas de apresentação, de modo a que o grupo se começasse a consolidar e, na segunda semana, a vinda do artista Miguel Horta introduziu a novidade: uma pessoa diferente, aulas diferentes, um projeto a desenvolver por todos. As sessões de encontro entre artista/professor/alunos realizam-se desde setembro (início do ano letivo), primeiro seduzindo para a poesia e depois navegando através da surpreendente abundância criativa das propostas dos alunos. Desde então, artista e

professor – orientadores do processo – são levados a descobrir formas de aí se encaixarem, mediando em função dos objetivos pensados. Iniciaram cada aula com as cadeiras dispostas em círculo numa espécie de plenário constituído para que todos pudessem usar da palavra, trabalhando a escuta num grupo em consolidação permanente. Assim que as propostas ganharam corpo, foram constituídos pequenos grupos de trabalho por onde os orientadores circularam facilitando a concretização das ideias e a autonomia dos alunos.

Ao mesmo tempo, a aproximação ao currículo e a articulação com os conteúdos do programa, conduziu a dinâmicas específicas de revisão de conceitos, a atividades de oficina de escrita, a práticas de leitura e análise do texto poético, ao reconhecimento de características específicas de alguns poetas.

Do mesmo modo, verificou-se ser importante valorizar as competências de expressão oral (leitura), já que a expressão escrita, sobretudo ao nível das estruturas sintáticas, carece de um aprofundamento que ocupará o restante ano letivo. Ainda assim, abriram-se portas para a escrita com a introdução da “Máquina da Poesia” proposta por Miguel Horta, da qual resultaram textos temáticos, textos acrósticos, textos quase surrealistas. Também foi fundamental o papel da artista Margarida Mestre, com o treino

das sonoridades e do domínio do corpo e do espaço, para que os alunos colocassem as suas intervenções do ponto de vista da exposição – trabalhos para ver e ouvir.

Poderemos concluir que a metodologia de ensino não formal inserida no contexto de aula permitiu motivar os alunos para as aprendizagens, guiando-os pela poesia com fruição e divertimento.

ELISA MOREIRA

Nasceu em Portimão, em 1961. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professora de Português e de Técnicas de Comunicação em Acolhimento Turístico na Escola Secundária Seomara da Costa Primo. Coordenadora de departamento; membro do conselho pedagógico; responsável pela equipa de horários; diretora de turma.

MIGUEL HORTA

Pintor e mediador cultural. Autor e orientador de oficinas pedagógicas e de intervenções urbanas e promotor da leitura e da escrita em diferentes contextos, incluindo grupos marginalizados (prisões, necessidades educativas especiais, etc.). Autor/ilustrador infanto-juvenil. Contador de histórias. Formador na área da mediação cultural. Expôs *Troncos e Marés* na Galeria Appleton Square em 2012.

MARCHA ORQUESTRADA

CONCEÇÃO MARIANA CANSADO E MARGARIDA MESTRE

APRESENTAÇÃO MARIANA CANSADO, MARGARIDA MESTRE

E ALUNOS DO 10º ANO, TURMA 3

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO SEOMARA DA COSTA PRIMO/

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS AMADORA OESTE

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS A TODA A EQUIPA 10 × 10, AOS ALUNOS E

ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DO 10º 3, À DIREÇÃO DA ESCOLA E A

TODOS OS COLEGAS COM QUEM FOMOS PARTILHANDO ESTE CAMINHO.

SINOPSE

O cenário é a sala de aula.

O tema centra-se na problemática da liberdade, que implica necessariamente uma escolha feita por um sujeito consciente, livre e responsável.

A atividade inicia-se com um pensamento escrito.

De seguida os alunos serão confrontados com situações/ problemas em que necessariamente terão de fazer escolhas justificadas.

A aula termina com uma marcha orquestrada composta por corpo, voz e palavra, fechando a escrita inicial.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A Escola Secundária Seomara da Costa Primo recebe alunos de cerca de 30 países, insere-se numa zona limítrofe da Amadora e oferece um variado leque de oportunidades de formação. A turma 3 do 10º ano

possui 26 alunos de 8 nacionalidades diferentes, cujo denominador comum é a língua portuguesa. Raramente se concentra numa só turma tamanha diversidade, de tons de pele, de sotaques, de culturas, de distintas formas de usar o movimento, o som e as palavras.

Foi nesta perspetiva que Margarida Mestre (artista) e Mariana Cansado (professora) entenderam que uma abordagem estética diversificada, utilizando o corpo como instrumento de movimento e som, promoveria a aprendizagem de uma atitude mais interrogativa e problematizante nos alunos.

A proposta desenvolveu-se através de exercícios de concentração, escuta, atenção; escrita criativa; interpretação, oral e musicada, de textos; exercícios de consciência corporal, de movimento no tempo e no espaço, em relação com os outros e com o equipamento da

(exíguas) sala de aula; de exploração da voz falada e cantada; e de todos estes elementos em conjugações diversas. O grupo é intenso, fortemente implicado nas problemáticas, e nas respostas a pensamentos ou perguntas. Os temas dizem respeito a aspetos da vida prática. A resposta é, geralmente, forte e “ruidosa”. Os ecos da metodologia que temos aplicado extrapolam a nossa capacidade de ver. Esperamos que a experiência entre nas suas vidas como modo de a pensar e de a viver e que, assim, contagie outros, e por conseguinte a escola e a família, num processo humano de estar em relação consigo e com tudo o que rodeia cada um.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

Foi ao longo do processo de trabalho que artista e professora foram descobrindo maneiras de coabitar a e na disciplina de Filosofia. A professora Mariana começou o ano letivo lecionando os conteúdos que fazem parte do seu plano curricular. A artista Margarida foi introduzindo a prática da utilização do corpo e da voz articulada com as matérias como forma de atingir objetivos concretos com o grupo tais como: um melhor conhecimento de si mesmo e dos outros, melhor concentração e escuta e melhor entendimento e expressão da palavra escrita e falada. A professora seguiu o princípio de que seria importante, acima de tudo, instalar uma atitude interrogativa em relação às matérias e à vida. Criou-se, então, um ritual de escolher a cada dia um pensamento ao qual cada aluno respondeu sempre através da escrita.

Desenvolveu-se esta capacidade através de exercícios de escrita criativa (que serviram também para fazer acontecer mais silêncio, concentração e respeito pela criatividade de cada um) e para, depois, trabalhar a leitura e suas potencialidades musicais. As matérias da filosofia são empolgantes para este grupo que responde entusiasticamente. A professora tem já uma forma pouco usual de modelar as propostas relativas à disciplina e durante este processo foi possível introduzir novas práticas que se ligam à experiência sensorial: do corpo, do ritmo, da linguagem e da imaginação.

MARIANA CANSADO

Licenciada em Filosofia, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tem uma pós-graduação em Ciências da Educação igualmente pela CSH da UNL.

Sempre se interessou pelas dinâmicas criativas em sala de aula, tendo feito diversas formações nesse âmbito.

MARGARIDA MESTRE

Formação em pedagogia, sonoplastia e dança pelo Fórum-dança. Mestre em Artes Performativas - Teatro do movimento pela E.S.T.C. de Lisboa. Estudou voz com vários professores, em especial com Shelley Hirsch e Lynn Book, em Nova Iorque. Desenvolve um trabalho de pesquisa e experimentação em redor do cruzamento das linguagens do texto, corpo e voz, realizando regularmente ateliês resultantes desse trabalho. Autora de trabalhos nas áreas da performance, da poesia sonora e recital de poesia.

O CORPO DO AGIR

CONCEÇÃO ANA MARGARIDA GUIMARÃES E ALDARA BIZARRO

APRESENTAÇÃO ANA MARGARIDA GUIMARÃES, ALDARA BIZARRO

E ALUNOS DO 1º ANO, TURMA DE ARTES VISUAIS

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO PADRE ANTÓNIO VIEIRA/

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALVALADE, LISBOA

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS AO COLETIVO DO PROJETO 10 × 10, À JUDITH SILVA

PEREIRA, PELO ACOMPANHAMENTO VALIOSO, À ESCOLA SECUNDÁRIA

PADRE ANTÓNIO VIEIRA, AOS COLEGAS VITORIANO MENDONÇA,

ELISA MENDONÇA, CRISTINA CARVALHO E MARIA CÂNDIDA ALBUQUERQUE,

À CATARINA SANTOS E À CRISTINA NUNES.

SINOPSE

Apresentação do trabalho de criação de dança realizado com os alunos no contexto da disciplina de filosofia explorando conteúdos e perspetivas da unidade do programa do 10º Ano: A Ação Humana.

Explicação da conceção, fundamentos e processos utilizados.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

O projeto foi desenvolvido com uma turma do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais. A turma é constituída, na disciplina de Filosofia, por 27 alunos (12 rapazes e 15 raparigas); a média de idades é 16 anos. Os alunos são provenientes de 14 escolas diferentes, com percursos escolares e vivências muito diferenciadas. Na maioria não se conheciam, não existia por isso, um coletivo coeso à partida. Foi necessário

pensar inicialmente em metodologias e atividades que permitissem a construção do grupo/ turma, importante para o desenvolvimento do projeto. O desafio inicial foi também, no quotidiano semanal das aulas de Filosofia – disciplina que trabalha com o pensamento, a compreensão de conceitos – a integração das sessões de dança, dinamizadas pela artista que, utilizando como ferramenta de trabalho o corpo procurou, em cooperação com a professora, encontrar a complementaridade entre a expressão do pensar e a do corpo. O tema do programa de Filosofia desenvolvido no projeto foi A Ação Humana – análise e compreensão do agir; determinismo e liberdade na ação humana. Ao longo das sessões e das atividades propostas, os alunos foram descobrindo como o corpo é um instrumento

fundamental no agir humano e como é possível traduzir nos fragmentos de dança construídos, os conceitos e as perspectivas lecionadas nas aulas de Filosofia.

O projeto permitiu ao grupo viver uma experiência metodológica muito diferente do que tradicionalmente se faz no contexto escolar e nas atividades letivas. Uma outra perspectiva de ser e estar foi sendo construída, promovendo atitudes e um olhar diferente sobre a realidade.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

A parceria construiu-se na articulação entre a expressão do corpo e do seu movimento e a expressão do pensamento, instrumento essencial na disciplina de filosofia.

As sessões decorreram, numa primeira fase, no tempo letivo de 60 minutos semanais e, numa segunda fase, foi necessário aumentar para 180 minutos. O trabalho dividiu-se em 2 etapas acompanhadas pelo fortalecimento do quotidiano da turma, acentuando-se pontes com outros professores.

A primeira fase foi a criação de um coletivo que se constituiu como um corpo orgânico, uma equipa de alunos que, inicialmente se desconheciam, a professora de uma disciplina nova no currículo escolar, e a artista. As atividades propostas exploraram uma abertura para uma ligação entre o corpo e a realidade, experiências que estimularam sensações e o uso dos sentidos de uma forma não habitual. O segundo momento do trabalho foi o processo de construção de uma criação de dança que surge a partir da pergunta "O que posso fazer para me conhecer melhor e ao mundo que

me rodeia". Este mote serviu como exercício de reflexão individual que levou à descoberta do tema de filosofia trabalhado.

A dança foi utilizada como uma estratégia para a promoção de uma atitude responsável e de compromisso de cada um com o coletivo e despertou também outras formas de comunicação, uma outra maneira de revelar, expressar e interpretar o pensamento.

"O corpo do agir" constituiu-se assim como o tema orientador: corpo conceptual, conjunto de conceitos que são necessários para compreender a ação humana e o corpo físico, ferramenta que em liberdade expressa o pensamento através da dança.

ANA GUIMARÃES

Nasceu em Lisboa, em 1954. Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Fez uma pós graduação em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação, no âmbito do Mestrado do Departamento de Sociologia do ISCTE. É professora de Filosofia há 39 anos. Participou em dois projetos COMENIUS, com escolas de Espanha e Itália.

ALDARA BIZARRO

Nasceu em 1965 em Moçambique. Estudou dança em Lisboa, em Nova Iorque e Berlim. Desde 1990 que dirige os seus trabalhos contando atualmente com cerca de vinte obras apresentadas nas melhores salas do país. Tem trabalhado como formadora e professora de dança em instituições como a Fundação Calouste Gulbenkian, o CCB, o Centro Cultural Vila Flor, Forum Dança e Escola Superior de Dança.

VIAJAR PELAS ROCHAS ALARGANDO HORIZONTES

CONCEÇÃO MARIA JOÃO MINEIRO E HUGO BARATA

APRESENTAÇÃO MARIA JOÃO MINEIRO, HUGO BARATA

E ALUNOS DO 10º ANO, TURMA CT3

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO PADRE ANTÓNIO VIEIRA/

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALVALADE, LISBOA

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS À EQUIPA DO 10 × 10; AO ANTÓNIO-PEDRO PELA SUA

CONTRIBUIÇÃO E APOIO; À ESCOLA SECUNDÁRIA PADRE ANTÓNIO VIEIRA;

AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DA TURMA 10º CT3; À SOFIA FARELEIRA E

À JOANA LEITE; UM AGRADECIMENTO ESPECIAL E CARINHOSO À JUDITH SILVA

PEREIRA PELA PRESENÇA CONSTANTE E PELAS SUGESTÕES PRECIOSAS.

SINOPSE

Será que algumas formas de expressão artística podem servir para promover o estudo da Geologia? “Olhar, ver e registar” foi o lema transversal às variadas dinâmicas e micropedagogias propostas aos alunos na sala de aula e fora dela. Nesta apresentação, alunos, professor e artista partilharão algumas das experiências vividas, terminando com uma atividade que mistura desenho e paleontologia.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

O trabalho foi desenvolvido com uma turma de Ciências e Tecnologias, constituída por 22 alunos, 11 raparigas e 11 rapazes com idades compreendidas entre

os 14 e os 17 anos. A maioria dos alunos não se conhecia e apenas 9 tinham frequentado a escola no ano letivo anterior. Um dos aspetos muito positivos, logo de início, foi verificar a grande abertura e curiosidade que os alunos evidenciaram pelo projeto 10 × 10 e os objetivos a que este se propunha. Foi também muito profícua a rápida integração do trabalho da dupla professora/artista na dinâmica da sala de aula. De uma forma geral percebeu-se que os alunos estavam motivados para o estudo da Biologia e Geologia, mas apresentavam algumas dificuldades no que se refere à consolidação de conceitos/pré-requisitos considerados estruturantes para o conhecimento geológico.

Para se captar a atenção, motivação e envolvimento em aprendizagens significativas considerou-se fundamental diagnosticar quais as atividades expressivas preferidas dos alunos para desenvolver estratégias participativas de construção do conhecimento apoiadas em práticas artísticas assentes nessas linguagens. Existiu também o cuidado de se incluir de alguma forma o restante universo da escola, abrindo o projeto a intervenções específicas nos seus espaços, interiores e exteriores.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

Para a dupla Maria João Mineiro (professora) e Hugo Barata (artista), um projeto educativo com estes moldes tornou possível abrir novos horizontes de interação pedagógica e formas de estudar criativamente. O trabalho desenvolveu-se no âmbito do tema "A Geologia, os geólogos e os seus métodos", concretamente no que diz respeito ao estudo das rochas como arquivos fornecedores de informações sobre o passado da Terra. Para tal, as micropedagogias utilizadas pelo artista, e acompanhadas nos seus objetivos pela professora, permitiram diferentes modos de pensar e agir, assim como de articular vários tipos de informação, explorando áreas de intervenção como a sensibilização para o desenho, a escrita, a oralidade, o diálogo argumentativo e o trabalho em grupo. Professora e artista procuraram utilizar pedagogias diversas que incitassem à descoberta dos conhecimentos geológicos com um olhar fresco, curioso e criativo, para que os alunos sentissem vontade de aprofundar as suas aprendizagens. Trabalharam com a turma todas as quintas feiras, de setembro a dezembro, em tempos de 60 minutos, acrescentando a este trabalho

reuniões de trabalho, a dois, para planeamento, delineamento de estratégias a abordar e encontrar o espaço para formular conclusões semanais. Assim, trabalharam diversas micropedagogias que se relacionavam com os conteúdos programáticos, promovendo-se aplicações educativas que pretenderam explorar o pensamento verbal e analítico, assim como o pensamento visual e perceptivo, tendo na prática do desenho a sua variante principal, visando o crescimento pessoal e o desenvolvimento de novas capacidades de atenção e interpretação: Olhar para Ver foi o nosso mote!

MARIA JOÃO MINEIRO

Nasceu em Lisboa em 1964. Licenciou-se em Ensino da Biologia pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e é professora de Ciências Naturais e Biologia/Geologia há 25 anos. Entre 1994 e 1998 foi Orientadora de Estágio de Biologia/Geologia-Ramo Educacional e Licenciatura em Ensino pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Pertence ao Quadro de Nomeação Definitiva da Escola Secundária c/3º Ciclo Padre António Vieira/Agrupamento de Escolas de Alvalade desde 2003.

HUGO BARATA

Nasceu em Lisboa. É Artista Visual e Mediador Educativo na Fundação Calouste Gulbenkian. O seu trabalho desenvolveu-se sobretudo nas áreas da pintura, desenho e vídeo, e está incluído em diversas coleções particulares e públicas, nacionais e internacionais. Desenvolve também trabalho de investigação e de curadoria independente de exposições em instituições museológicas e em plataformas alternativas, tendo já trabalhado com obras e artistas de charneira, do início do séc. XX aos nossos dias.

PROJETAR O FUTURO COM RAÍZES NO PASSADO

CONCEÇÃO MARIA JOÃO AVELLAR E ROSINDA COSTA

APRESENTAÇÃO MARIA JOÃO AVELLAR, ROSINDA COSTA E ALUNOS

DO 10º, TURMA CT1

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO PADRE ANTÓNIO VIEIRA/

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALVALADE, LISBOA

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS DIREÇÃO DA ESCOLA SECUNDÁRIA PADRE

ANTÓNIO VIEIRA; JUDITH SILVA PEREIRA.

SINOPSE

Aula pública em torno da disciplina de Português onde serão traçadas estratégias que promovem a melhoria da expressão escrita e da expressão oral e que contribuem para a resolução das dificuldades que os alunos enfrentam quando escrevem um texto.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A turma 10º CT1, de Ciências e Tecnologias, é constituída por 28 alunos (18 rapazes e 10 raparigas), com idades entre os 15 e os 17 anos. Com base no programa da disciplina de Português do 10º ano, a turma partiu à aventura no domínio dos textos de carácter autobiográfico e textos dos *media*, nomeadamente a crónica. Maria João Avellar (a professora) partilhou com Rosinda Costa (a artista) que os alunos comentam por vezes que

“não têm ideias”, e que quando lhes é pedido para escreverem um texto se queixam de que “não sabem o que escrever”.

Todo o trabalho se baseou em propor estratégias que contribuíssem para o desenvolvimento da escrita e da oralidade e que promovessem a criatividade e a motivação dos alunos. Escrever não tem que ser apenas uma tarefa rígida e cheia de normas, mas também algo interessante, dinâmico e natural. No primeiro dia, a atriz entrou na sala de aula e, com as mesas, fez da esquadria um círculo. Disse aos alunos que gostaria que lhe respondessem à pergunta, “*se fosses uma viagem que viagem serias?*”. Os alunos foram ganhando o gosto e o entusiasmo e, no final, assumiram a responsabilidade pelo que tinham aprendido, podendo dizer que “*aquilo era deles*”. A matéria não ficou só como conhecimento

adquirido, passou a ser parte integrante das suas vidas. Na reta final, a professora sugeriu que se escrevesse a letra de uma canção que refletisse o trabalho realizado ao longo do projeto. A atriz sorriu, e os alunos – que não ouviram a sugestão – corresponderam à letra.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

A metodologia de trabalho passou por definir quais os temas integrantes do programa da disciplina que seriam trabalhados. Ao optar pelos textos de carácter autobiográfico e dos *media*, nomeadamente, a crónica, elaboraram-se os seguintes exercícios: resposta rápida e criativa à pergunta – “*se fosses uma viagem que viagem serias?*” –; criação de uma cartografia biográfica, em que cada aluno desenhou e escreveu como se sentia naquele dia, fazendo um mapa de si próprio, ou, por outras palavras, um auto-retrato. O passo seguinte foi escrever um diário, mas um diário sobre o quê? Existencialista? Sobre as memórias de cada um? A atriz sugeriu um Diário de Insólitos, pois, assim, os alunos iriam à procura de um tema que os inspirasse a escrever. Nesta fase, estava-se a meio da jornada e os alunos acusavam alguma confusão sobre o objetivo dos exercícios. Professora e atriz decidiram fazer um esquema que os ajudou a visualizar as ligações entre cada exercício e a matéria de

Português. Ao utilizar essa estratégia, os alunos compreenderam que a Escola pode ser um lugar onde deixam de ser espectadores e passam a ser protagonistas na busca do conhecimento e na sua utilização. Daqui em diante, para os alunos, a professora será aquela que aponta a lanterna e lhes ilumina o caminho, e não apenas alguém que lhes transmite informação.

MARIA JOÃO AVELLAR

Professora efetiva do Grupo 300. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Franceses, pela Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões. Leciona Português e Francês desde 1989. Exerceu cargos de coordenação do grupo de Português, de coordenação de curso do Ensino Recorrente, de Direção de Turma e Assessoria do Conselho Executivo.

ROSINDA COSTA

Nasceu em 1985. Licenciada em Teatro na Escola Superior de teatro e Cinema, está a realizar o mestrado em Arte Multimédia na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Integra a companhia Teatro do Vestido. Trabalha em colaboração com outras estruturas em projetos multidisciplinares nas áreas da música, teatro, vídeo e dança. O seu trabalho tem sido apresentado em Portugal, França, México, Brasil e Moçambique.

MA = DISTÂNCIA ENTRE MATEMÁTICA E ARTE

CONCEÇÃO PAULA REIS E ANTÓNIO-PEDRO

APRESENTAÇÃO PAULA REIS, ANTÓNIO-PEDRO, MARIA DO CARMO

BOTELHO, E ALUNOS DO 10º ANO, TURMA CT2

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO PADRE ANTÓNIO VIEIRA/

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALVALADE, LISBOA

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS DIREÇÃO DA ESCOLA PADRE ANTÓNIO VIEIRA,

ALDARA BIZARRO, HUGO BARATA.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A turma envolvida é o 10ºCT2, de Ciências e Tecnologias. A turma tem 13 raparigas e 13 rapazes. Um grupo significativo destes alunos pensa mudar de área de estudos, o que gera grande desinteresse e falta de empenho, não só nesses alunos, como no grupo em geral. É uma turma com fracos resultados em todas as disciplinas, especialmente em matemática. Maria do Carmo Botelho, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, esteve presente em todas as aulas e tem uma ótima relação com os alunos. Participou ativamente em todos os momentos do projeto 10 × 10. Os alunos entusiasmaram-se com o projeto. Aderiram com entusiasmo a todas as atividades propostas e corresponderam muito bem em sala de aula, mas não mostraram sentido de responsabilidade nem empenhamento

quando lhes foi pedida alguma tarefa fora das aulas. Para muitos dos alunos o projeto representou uma oportunidade de se tornarem mais atentos aos outros e simultaneamente mais afirmativos em situações que poucas vezes a matemática proporciona.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

O processo iniciou-se com a prioridade de António-Pedro (artista) e Paula Reis (professora) se conhecerem, de conhecerem a turma e do artista conhecer a matéria que ia ser abordada durante o projeto. Para se instalar de imediato o 10 × 10, desde a primeira aula que a professora fez exercícios e jogos de criação de grupo. O artista iniciou o seu trabalho assistindo a algumas aulas, para conhecer turma e professora. Deste primeiro período de trabalho e reflexão resultou a decisão de se avançar para:

“Fotos de Família” → fotos dos alunos, professora, estagiária e artista, no sentido de ajudar a criar uma turma que acabava de se conhecer; Exercícios e jogos de criação de grupo, de quebra-rotina, de concentração e escuta – normalmente realizados no início da aula e relacionados com matemática, sempre que possível; Para além destas propostas mais genéricas surgiram projetos ligados à aprendizagem concreta de certos conteúdos:

O Bolo → utilização de bolos cúbicos para introduzir as “secções produzidas num sólido por intersecção com planos”, uma matéria onde costuma haver dificuldades de visualização espacial;

Mantramática → criação de uma ladainha musical para memorização das fórmulas das equações da reta, circunferência e esfera.

Entretanto, o artista quis aprender a matéria para melhor perceber como poderia atuar – a sua ignorância matemática revelou-se uma micropedagogia não prevista e algo cómica. Sentou-se ao lado de uma aluna com fracos resultados, que passou as aulas a explicar-lhe a matéria. No final, a aluna estava completamente motivada e pediu para ter o artista sempre ao seu lado! Esta tentativa de estudo da matéria por parte do artista foi entretanto abandonada... por ser irrealista na dimensão temporal deste projeto. Não previstos à partida, mas importantes pedagogicamente, foram os trabalhos de grupo, em que se realizaram duas curtas-metragens:

A última vingança de Fermat → sobre história da matemática, recorrendo apenas a telemóveis;

O Código → sobre teoria dos números e os códigos. Um filme feito com fotografias e narração ao vivo, no qual a construção do argumento implicou uma compreensão profunda da matéria (até por parte do artista!). Estes trabalhos e os outros trabalhos de grupo foram apresentados aos colegas, numa aula filmada para potenciar a concentração dos alunos. A escassez de tempo acabou por ser a maior dificuldade na realização e aprofundamento de todas as propostas desenvolvidas.

PAULA REIS

Professora efetiva do Grupo 500-Matemática. Licenciada em Matemática, com Pós-graduação em Matemática para o Ensino. Atualmente é coordenadora do Departamento de Matemática e Ciências Computacionais do Agrupamento de Escolas de Alvalade, Delegada de Grupo de Matemática, orientadora de estágios e perita portuguesa para o Baccalauréat Europeu de Matemática.

ANTÓNIO-PEDRO

Músico e cineasta. Atualmente, para além de compor para dança, cinema e vídeo, desenvolve projetos de “cinema ao vivo”, como *Sopa nuvem – um thriller gastronómico*, (uma encomenda do CCB), e realiza vários espetáculos e ateliês onde filma, toca e compõe, tentando aprofundar a relação entre imagem, música e som. É codiretor artístico da Companhia Caótica.

É TUDO UMA QUESTÃO DE PERSPETIVA...

CONCEÇÃO TERESA ALVES E NUNO CINTRÃO

APRESENTAÇÃO TERESA ALVES, NUNO CINTRÃO E ALUNOS DO 10º ANO, TURMA 1

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO SEOMARA DA COSTA PRIMO/

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS AMADORA OESTE

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS AOS ALUNOS, À EQUIPA DO 10 × 10, EM ESPECIAL

À JUDITH SILVA PEREIRA

SINOPSE

Várias perspetivas sobre o mesmo problema. Resolvemos ou criamos o problema? Esta aula pública procura refletir o processo e sobre o processo de trabalho que surge da colaboração entre uma professora de matemática, um músico e uma turma de alunos do 10º ano. O olhar reflexivo sobre as diferentes fases desta parceria culmina com a apresentação de vídeos concebidos pelos alunos, que abordam a matemática a partir de diferentes situações do quotidiano.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A Escola Secundária Seomara da Costa Primo recebe alunos de cerca de 30 países, insere-se numa zona limítrofe da Amadora, oferece um variado leque de oportunidades de formação.

A turma participante no projeto é do 10º ano, do Curso de Ciências e Tecnologias. É composta por 30 alunos com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, na sua maioria, provenientes de escolas diferentes. Para muitos dos alunos, a disciplina de Matemática A é considerada a

“mais” difícil, não só pela quantidade de conteúdos, mas também pela exigência a nível do raciocínio lógico e da terminologia utilizada. Por este facto, alguns dos alunos veem a disciplina negativamente. É ainda notória a diferença de níveis de preparação com que os alunos chegam ao 10º ano, o que representa um desafio acrescido para a professora.

Relativamente à parceria entre Teresa Alves (professora) e Nuno Cintrão (artista) o trabalho e a comunicação entre ambos decorreram de forma natural. Com o arranque do projeto na escola, a preocupação com o cumprimento do programa e a sua conjugação com o 10 × 10 foi o principal desafio a ultrapassar.

Neste sentido a confiança mútua foi essencial, assim como o investimento no planeamento e reflexão sobre as propostas a implementar.

A relação da professora e do músico com a turma foi-se construindo naturalmente ao longo das aulas, com a conquista da confiança mútua resultante das atividades propostas. Numa fase inicial do processo, os alunos mostraram alguma surpresa na quebra da rotina

habitual de uma aula de matemática. Porquê estas atividades? Porquê a presença de um músico nas aulas? Que projeto era este? Estas questões foram-se dissipando à medida que avançaram. No início, o músico trazia consigo dinâmicas, jogos, reflexões sobre vídeos, o que criou a expectativa da “quinta-feira” e uma separação entre aulas mais formais e aulas mais livres. Numa fase posterior, a dupla investiu numa maior conjugação entre a matemática e a música e daí surgiu a proposta de um projeto a desenvolver pelos alunos.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

O processo teve início com a planificação do trabalho e a definição dos objetivos. Foi agendada a presença semanal do músico na escola e o tempo destinado à reflexão, preparação e implementação do projeto. Assim, numa primeira fase os objetivos focaram-se no desenvolvimento da coesão do grupo-turma, da criatividade, da comunicação e da dinâmica do grupo. Realizaram-se diferentes dinâmicas e jogos, que foram recorrentes nesta primeira fase. Numa segunda fase, para diversificar e explorar novas abordagens, professora e artista selecionaram a matéria de geometria como foco da sua intervenção pedagógica. Seguindo os conteúdos da disciplina, idealizaram, conceberam e experimentaram diferentes abordagens e atividades, procurando relacionar a matemática com a música e não só. Promoveu-se ainda uma importante reflexão sobre a relação entre criatividade e educação, fundamental para a preparação de um desafio maior: um projeto sugerido pela professora que consistia em conceber “vídeos criativos sobre a matéria”. Para a realização deste projeto, experimentaram-se novas formas de

organizar a turma: formaram-se grupos, lançaram-se ideias, definiram-se objetivos e, como resposta, os alunos criaram guiões. No fundo, “inventaram e resolveram problemas”, numa tentativa de aproximar a matemática ao seu quotidiano. Vídeos, microfones, fotografias, vídeos, desenho e música foram as ferramentas artísticas para a criação dos vídeos: ferramentas desenvolvidas a partir da visão e ideias dos alunos, tendo como ponto de partida os diferentes contributos criativos explorados ao longo do processo. O processo de trabalho decorreu semanalmente dentro e fora do tempo da aula; foi acompanhado pela dupla professora/músico, procurando orientar, conciliar e contribuir para uma melhor dinâmica no seio de cada um dos grupos criados na turma.

TERESA ALVES

Licenciatura em Ensino da Matemática, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Exerceu o cargo de Orientadora de Estágio de Matemática do Ramo de Formação Educacional e Licenciatura em Ensino da Faculdade de Ciências de Lisboa, na Escola Secundária Seomara da Costa Primo, de 1993 a 2006. Desde 1990, é professora do quadro de nomeação definitiva da Escola Secundária Seomara da Costa Primo, do grupo de recrutamento 500.

NUNO CINTRÃO

Músico e compositor. Nasceu em Lisboa em 1980. Licenciado em Educação Musical pela Escola Superior de Educação de Lisboa e finalista da licenciatura em Guitarra na Escola Superior de Música de Lisboa. Nos últimos anos tem concebido e dinamizado, diversos ateliers, workshops e formações junto de diferentes públicos e entidades. Enquanto músico e compositor tem trabalhado em diferentes contextos e estilos musicais.

FOTOSSENTE-SE

CONCEÇÃO MARGARIDA SOARES E SOFIA CABRITA

APRESENTAÇÃO MARGARIDA SOARES, SOFIA CABRITA E ALUNOS

DO 10º ANO, TURMA 1

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO SEOMARA DA COSTA PRIMO/

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS AMADORA OESTE

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS À COMUNIDADE ESCOLAR DA ESCOLA SECUNDÁRIA

SEOMARA DA COSTA PRIMO, EM ESPECIAL AO SEU DIRETOR RUI FONTINHA

PELO ACOLHIMENTO E POR ACREDITAR NESTE PROJETO; À PROFESSORA

NOÉMIA OLIVEIRA PELA SUA DISPONIBILIDADE; À JUDITH SILVA PEREIRA PELO

SEU OLHAR ATENTO E APOIO INCONDICIONAL; À RITA SÁ, BIÓLOGA MARÍTIMA

E PESQUEIRA, PELA SUA PRECIOSA VISITA; A TODA A EQUIPA DO 10 × 10.

SINOPSE

Em primeiro lugar deve vir a curiosidade. É preciso fazer perguntas, questionar a vida e o mundo à nossa volta. Olhar, ver, sentir, procurar, compreender e – quem sabe – encontrar respostas. Quisemos que os alunos entendessem assim a Biologia. Desmanchámos a sala, agrupámos os alunos, trouxemos convidados, saímos da escola, fotografámos o invisível, jogámos ao sim, dançámos a fotossíntese.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A Escola Secundária Seomara da Costa Primo recebe alunos de cerca de 30 países, insere-se numa zona limítrofe da Amadora, oferece um variado leque de oportunidades de formação.

A turma 10º 1 é constituída por 27 alunos e acaba de chegar a uma nova realidade escolar, o Secundário. A Biologia é uma das disciplinas novas, mas não completamente. Agora fala-se de ciência e de cientistas e tudo é mais aprofundado, sistematizado, exigente. Enquanto grupo, os alunos pareciam conhecer-se, mas foi preciso criar um *grupo de trabalho* e esse foi um dos maiores desafios. O Projeto foi-lhes apresentado como uma possibilidade de aprender de maneira diferente e por isso foi importante saber primeiro o que significava para eles aprender e ensinar e, de que maneira, na sua opinião, estes misteriosos verbos poderiam articular-se melhor do que até aqui. A presença de uma artista numa aula de Biologia não foi nada óbvia para os alunos, mas foi sempre possível contar com a sua disponibilidade, curiosidade

e vontade de experimentar. Contudo, a pressão de um exame, o fantasma da avaliação, os rituais escolares já arreigados, a timidez própria da idade, foram fatores sempre presentes. Cada dia era uma surpresa, por mais que a proposta fosse divertida, inovadora, desafiante. Nada estava garantido!

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

O primeiro passo foi escolher o horário, o tempo (esse aspeto incompreendido) que haveria para desenvolver o projeto. Esta parceria teria de nascer pelo encontro de trabalho, às vezes a duas, mas quase sempre a vinte e nove. Margarida Soares (professora) e Sofia Cabrita (artista) encontravam-se fora do horário das aulas, 1 a 2 vezes por semana. Delineava-se o plano da aula seguinte, fazia-se um balanço da anterior, conversava-se sobre os alunos, e, muitas vezes, a professora explicava pacientemente a matéria à artista-aluna... Para a artista, a Biologia foi uma descoberta, uma oportunidade de aprender ao mesmo tempo que os alunos, com a mesma professora. As aulas em que estavam professora e artista eram dadas em conjunto, na sua maioria aulas de 135 minutos, com metade da turma (laboratório). No dia seguinte, a professora repetia a aula sozinha, sem a artista, para a outra metade. Este processo foi extraordinariamente produtivo, porque permitiu testar os exercícios com dois grupos diferentes, fazer

as mudanças necessárias e, acima de tudo, que a professora se apropriasse das propostas. Guiámo-nos sempre por aquilo que nos parecia estar a faltar para a correta aprendizagem da matéria, mas percebemos que tudo começa antes da matéria: trabalhar em grupo, estabelecer relações da ciência com a vida, fazer perguntas sem medo, fazer silêncio, entreajudar-se, ouvir, intervir. Os exercícios tinham o objetivo de ensinar a Fotossíntese, mas mudou-se muitas vezes de caminho para ir ao encontro do que está antes da matéria.

MARGARIDA SOARES

Licenciada em Biologia, Ramo Educacional com Estágio integrado, em 1983, pela F.C.U.L. Professora de Biologia há 33 anos. Entre 1995-1997, Coordenadora do Projeto Viva a Escola, no âmbito do PPES-DREL. Entre 2002 e 2004, integrou o Projeto Ciência Viva. Atualmente, na escola onde leciona, faz parte do Projeto Educação para a Saúde e Sexualidade.

SOFIA CABRITA

Nasceu em Lisboa, em 1981. Pós-graduada em Comunicação e Artes pela F.C.S.H, formada pelas escolas de Teatro do Gesto Estudis de Teatre (Barcelona, 2000) e Kíklos-Scuola (Pádua, 2002) e licenciada em Formação de Atores pela E.S.T.C. (Lisboa, 1999). Encenadora, atriz, locutora e professora de teatro no ensino superior, secundário e alternativo.

10×10 é um projeto piloto que envolve professores, artistas e alunos num trabalho de valorização de conteúdos curriculares do ensino secundário, estimulando a interação das perspetivas, dos saberes e da criatividade de cada um. O projeto teve início em 2012 e visa especialmente que os professores, sujeitos a uma rotina difícil e desgastante, renovem o seu repertório de ferramentas pedagógicas e de estratégias de comunicação na sala de aula.